

Pereira, V. & Pereira, B. (2012). Jogos, Brincadeiras e relações sociais nos recreios do 1º Ciclo: diferenças entre géneros e idades. *In*: Pereira, Beatriz, Silva, Alberto Nídio & Carvalho, Graça (Coordenadores) (2011). *Atividade Física, Saúde e lazer. O Valor Formativo do Jogo e da Brincadeira*. Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança – Instituto de Educação – Universidade do Minho. pp. 61-71. (ISBN: 978-972-8952-20-4)

JOGOS, BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES NOS RECREIOS DO 1º CICLO: DIFERENÇAS ENTRE GÉNEROS E IDADES

VÂNIA PEREIRA; BEATRIZ PEREIRA¹

RESUMO: O sentimento que as crianças têm em relação à escola é largamente baseado nas suas experiências durante o tempo de recreio, pois é durante estes momentos que as crianças constroem e realizam os seus jogos, que estabelecem as próprias regras de conduta e onde mantêm as suas relações sociais independentes da sala de aula. (Blatchford, 1998).

Atendendo às dinâmicas sociais atuais podemos admitir que para a criança, o recreio é o espaço onde ela exerce a sua liberdade de ação sendo este um importante contexto para o jogo. Este, por sua vez, potencia o desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança (Neto, 2008).

Este estudo tem como objectivos, perceber quais os jogos e brincadeiras praticados no recreio, pelas crianças dos 6 aos 9 anos, de uma escola do 1º ciclo do ensino básico e identificar com quem brincam as crianças durante esse período. Foi nossa intenção, ainda, verificar as diferenças entre géneros e idades. A amostra é constituída por 33 crianças (18 rapazes e 15 raparigas) de uma escola do 1º Ciclo do concelho de Vila Verde, Braga. Para a recolha de dados foi utilizado um registo diário das atividades realizadas no recreio durante uma semana.

Verificou-se que os rapazes realizam com mais frequência durante a semana os jogos de perseguição (52,2%), seguindo-se, os jogos de cartas (13,0%) e os jogos de faz-de-conta (11,0%). Por sua vez, as raparigas, apesar de menor percentagem em relação aos rapazes, também são os jogos de perseguição que elas mais realizam no recreio (29,1%), sucedendo-se os jogos de faz-de-conta (17,4%) e as corridas (14,0%).

Quanto às relações entre as crianças nos recreios, podemos afirmar que estas se relacionam com o grupo da turma mais frequentemente aos 6 e 7 anos. As crianças com 8 e 9 anos brincam e jogam com crianças das mesmas idades independentemente do género. As raparigas de 8 e 9 anos interagem, mais frequentemente com as crianças de 6 e 7 anos do que os rapazes da sua idade.

Palavras-chave: recreio, atividades lúdicas, interações e género.

¹ Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Importância do tempo e espaço de recreio na escola

Os recreios escolares assumem uma particular importância na escola devido ao seu papel em todo o processo de ensino (El-Kadi & Fanny, 2003), uma vez que é na zona de recreio que a criança testa e experimenta os seus limites, permitindo-lhe uma diversidade de oportunidades para explorar o seu ambiente. É nesse local que a criança procura novos caminhos para criar ação e expandir os seus limites, no sentido de satisfazer as suas necessidades de desenvolvimento (Jambor, 1990). Assim, o jogo e a brincadeira fazendo parte integrante da vida das crianças são bastante eficazes para o seu desenvolvimento físico, social e mental (Bulut & Yilmaz, 2008), pois o jogo tão natural nas crianças exercita a sua imaginação e contribui para a sua interação social (Gordon, 1981).

Assumindo o exposto podemos afirmar que um espaço de recreio bem estruturado favorece o crescimento e o desenvolvimento das crianças (Gordon, 1981), pois, são os momentos de recreio que proporcionam os maiores períodos de atividade destas na escola (Willenberg et al., 2009). A melhoria destes espaços pode trazer mais-valias para as crianças, uma vez que os espaços de recreio mais sugestivos ou que sofreram remodelações são os que mais as atraem para a prática de atividades no exterior podendo assim potenciar o aumento da sua atividade física (Colabianchi, Kinsella, Coulton, & Moore, 2009). Num estudo efectuado em escolas do 1º ciclo, as crianças apontaram as superfícies com relva e os equipamentos fixos como mais atrativos e como sendo os locais onde mais gostariam de brincar ou jogar. Os espaços em cimento foram considerados pelas crianças como espaços que pareciam abandonados e vazios, principalmente, pela falta de cor, sugerindo que fossem feitas mais marcações de linhas para diversos jogos aí ocorrerem. Ainda referiram que os equipamentos precisam ser variados de forma a estimular diferentes faixas etárias (Willenberg, et al., 2009). É nos recreios onde as crianças realizam as suas atividades de forma “livre” e estes momentos são uma boa oportunidade para descobrirem novas atividades que lhes deem prazer e os motivem para as práticas de movimento que, por sua vez poderão potenciar a prática de atividade física (Stellino, Sinclair, Partridge, & King, 2010).

De acordo com Pereira (2009) os recreios ao ar livre são promotores de estilos de vida saudáveis e esta promoção da saúde deve fazer-se desde as idades mais tenras, nos jardins-de-infância e nas escolas do primeiro ciclo. Neste sentido, ao longo desta faixa etária a atividade física e o jogo livre podem ser decisivos, na aquisição de hábitos saudáveis ao longo da vida (Pereira & Neto, 1997). Assim, as áreas de recreio nas escolas devem ser aumentadas, de forma a potenciar o jogo livre e melhoradas ao nível dos equipamentos móveis nestes espaços (Pereira, 2009), uma vez que, o jogo livre é uma das principais fontes de atividade física das crianças na escola (Harten, Olds, & Dollman, 2008). No entanto, segundo Neto (1997), os espaços e equipamentos existentes nos recreios são de fraca qualidade e apresentam pouco impacto nas atividades de jogo livre.

Sendo o espaço de recreio assim tão relevante para o desenvolvimento da criança seria de esperar melhores condições ao nível de recursos materiais, humanos e que na sua arquitetura contemplassem espaços variados adequados às suas necessidades (espaços para experiências de jogo informal e outros de articulação com as atividades lectivas), também a supervisão e a segurança dos equipamentos são primordiais neste contexto (Neto, 2008).

Mais do que a educação física escolar, os recreios podem preparar as crianças para uma vida ativa, pois os recreios escolares apresentam um envolvimento muito semelhante aos espaços de recreação dos frequentados pelos adultos (Zask, Beurden, Barnett, Brooks, & Dietrich, 2001).

É nos recreios escolares que as crianças buscam a sua satisfação pessoal, fazem-no através do jogo que é uma prática fundamental para o seu desenvolvimento desde os primeiros anos de vida. O jogo é a vida da criança (Pereira & Neto, 1997). Assim, torna-se necessário um melhor conhecimento do jogo livre, o indivíduo e a influência social e ambiental nesse comportamento que pode ser decisivo para a atividade física da criança. Conhecer melhor os locais onde a criança brinca e joga é importante para obtermos informações sobre as oportunidades que estes locais podem trazer para a promoção de atividade física (Veitch, Bagley, Ball, & Salmon, 2006).

O jogo no recreio como promotor de interações entre as crianças

É através das interações que as crianças aprendem, quer estas sejam com objetos ou nas relações sociais e aqui o jogo é essencial na medida em que contribui largamente para o processo de aprendizagem da criança (Pereira, 2008). Sendo o jogo uma das manifestações de comportamento mais usuais na infância (Pereira & Neto, 1997), a aprendizagem de conteúdos através do jogo é bastante estimulante quando se verifica essa intencionalidade. O jogo produz aprendizagem, contudo, o ensino de diversos conteúdos através do jogo, facilita essa aprendizagem. E independentemente de todos os outros factores que possam condicionar o jogo da criança na escola (espaços atrativos, pessoal docente e não docente motivado e interventivo, programas diversificados) é a interação entre pares que mais condiciona a visão da criança em relação à escola e à aprendizagem (Casey, 2010).

As crianças dão imensa importância às conversas que têm nos recreios e veem este espaço como o local de encontro com os amigos e onde jogam juntos (Prellwitz & Skär, 2007).

O sentimento que as crianças têm em relação à escola é largamente baseado nas suas experiências durante o tempo de recreio, pois é durante estes momentos que as crianças constroem e realizam os seus jogos, que estabelecem as próprias regras de conduta, é onde mantêm as suas relações sociais independentes da sala de aula e é também no espaço de recreio que desenvolvem estratégias no sentido de resolver e evitar conflitos (Blatchford, 1998).

Atendendo às dinâmicas sociais atuais podemos admitir que para a criança, o recreio é o espaço onde ela exerce a sua liberdade de ação sendo este um importante contexto para o jogo, que contribui, por sua vez, para o desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança (Neto, 2008). É nos recreios que ocorrem muitos conflitos sociais e emocionais, é também nestes momentos que as crianças conhecem e encontram os seus amigos e têm a oportunidade de interagir e brincar com os seus pares (Blatchford, 1994). Para as crianças o recreio representa uma parte única do seu dia na escola, pois é um dos únicos momentos onde está presente a espontânea interação entre pares o que não acontece, por exemplo, dentro da sala de aula (Pellegrini, 1995).

O Jogo e as diferenças entre géneros

As diferenças entre rapazes e raparigas, na seleção dos jogos e atividades praticadas nos recreios como na forma de utilização do espaço e materiais existentes no mesmo, são notórias.

Enquanto as atividades dos rapazes tendem a ser mais desportivas, as das raparigas têm tendência para ser mais de lazer e mais sedentárias (Pfister, 1993).

Em relação às diferenças entre géneros nas interações das crianças e nos jogos adoptados durante os recreios, vários estudos apontam na mesma direção afirmando que os rapazes são mais competitivos e excluem mais os colegas durante os jogos de grande grupo onde os melhores jogadores tendem a dominar. Já as raparigas participam mais em jogos passivos, em grupos pequenos, utilizando espaços menores nas suas brincadeiras e jogos e têm tendência para ser mais inclusivas e cooperativas (Pfister, 1993; Riley & Jones, 2007; Twarek & George, 1994).

Pfister (1993) aponta como principais causas, das diferenças entre género na preferência de atividades motoras e jogos, os factores: família, grupo de pares e também a acessibilidade e existência de espaços adequados às suas necessidades de jogo. Aponta, ainda, estes factores como sendo aqueles onde se poderão realizar, possivelmente, algumas alterações.

Em relação às atividades praticadas por rapazes e raparigas, Lever (1978) aponta que os jogos praticados pelos rapazes são mais competitivos, orientados por regras, sendo também jogos, normalmente realizados em grande grupo. As raparigas, por sua vez, interagem em grupos pequenos, conversam com os amigos mais frequentemente do que os rapazes e envolvem-se em jogos competitivos com pouca frequência. O mesmo autor, concluiu que a tendência dos rapazes para os jogos em equipa e o contacto com as regras de jogo permitem o desenvolvimento da sua capacidade em cooperar e interagir com os seus pares, mesmo que estes tenham ideias diferentes das suas, permitindo, igualmente, a oportunidade de realizar tarefas de forma independente mas para um fim comum.

Alguns anos depois do estudo anterior, Lewis e Phillipsen (1998) verificaram que as raparigas continuam a interagir em pequenos grupos, no entanto os rapazes apresentaram uma tendência para jogar em grupos de várias dimensões, desde grupos de duas até mais de cinco crianças.

Enquanto para alguns adultos o jogo na vida da criança é encarado como uma mera diversão, desvalorizando-o, a verdade é que durante o tempo em que a criança se envolve em jogos e brincadeiras, muito crescimento e desenvolvimento está a acontecer, nomeadamente, o melhor entendimento do mundo e do seu lugar no mesmo (Riley & Jones, 2007).

Atendendo ao exposto, os objectivos deste estudo foram:

- Verificar quais as atividades mais realizadas no recreio de uma escola do 1º ciclo do ensino básico;
- Perceber com quem as crianças mais se relacionam e interagem na realização das atividades no recreio;
- Identificar as diferenças entre género relativamente às atividades realizadas e às interações entre pares na realização das mesmas.

Metodologia

A recolha de dados foi realizada, através de um registo semanal de atividades.

Amostra

Fizeram parte da amostra 33 alunos de uma escola do 1º ciclo do ensino básico de Vila Verde, Braga. Todos os alunos da escola fizeram parte da amostra, sendo que a turma do 1º e 2º anos de escolaridade era constituída por 19 alunos e a turma do 3º e 4º anos de escolaridade por 14 alunos. Dos 33 alunos da amostra, 18 eram rapazes e 15 eram raparigas.

Procedimento

Depois do recreio escolar era distribuído aos alunos um registo com o dia da semana, no qual, registavam as atividades realizadas e também com quem tinham realizado essas atividades. O registo foi preenchido durante uma semana. As professoras das turmas, todos os dias dessa semana entregaram a ficha para a realização dos registos e recolhiam-nos depois de preenchidos pelos alunos. Aos alunos do 1º ano, a professora perguntou individualmente e escreveu no registo, uma vez que a recolha de dados foi realizada no início do ano lectivo e estes alunos ainda não sabiam ler nem escrever.

De salientar que na escola onde o estudo foi realizado, não era permitido aos alunos fazer jogos com bola, o que limitou o estudo quanto à diversidade de jogos praticados pelas crianças.

Foram realizados registos semanais com vista à análise descritiva dos dados recolhidos. A partir da análise dos dados, os jogos identificados pelas crianças, foram agrupados em 9 categorias de acordo com a definição prévia das mesmas com base num estudo sobre práticas preferidas e realizadas de Pereira e Neto (1997).

Apresentação dos Resultados

Ao analisar os resultados relativamente às atividades realizadas pelas crianças quanto ao género, verificamos que durante a semana em que decorreu o estudo, as raparigas referiram que as atividades mais realizadas foram, os jogos de perseguição (29,1%), seguindo-se os jogos de faz-de-conta (17,4%), depois a corrida (14%), os jogos tradicionais (12,8%), conversar (11,6%), dançar (8,1%), os jogos de equilíbrio (4,7%) e ainda referiram jogar às cartas (2,3%). Os rapazes, por sua vez, referiram, tal como as raparigas, em maior percentagem, os jogos de perseguição (52,2%), de seguida os jogos de cartas (13%), os jogos de faz-de-conta (11%), os jogos tradicionais (7,6%), também foram referidas em igual percentagem a corrida, a dança e os jogos de luta (4,3%), foram ainda referidas as atividades “conversar” (2,2%) e por último os jogos de equilíbrio (1,1%) (Tabela 1).

Tabela 1 – Atividades realizadas durante uma semana – diferenças entre géneros

Atividades Realizadas	Raparigas		Rapazes	
	N	%	N	%
Jogos de perseguição	25	29,1	48	52,2
Jogos tradicionais	11	12,8	7	7,6
Jogos de faz-de-conta	15	17,4	10	11,0
Jogos de cartas	2	2,3	12	13,0
Conversar	10	11,6	2	2,2
Correr	12	14,0	4	4,3
Dançar	7	8,1	4	4,3
Jogos de luta	0	0,0	4	4,3
Jogos de equilíbrio	4	4,7	1	1,1
Total	86	100	92	100

Tabela 2 – Atividades realizadas – diferenças entre idade e género

Atividades Realizadas		Idades/ Género											
		5-6			7			8			9		
		♀	♂	Total	♀	♂	Total	♀	♂	Total	♀	♂	Total
Jogos de perseguição	N	7	22	29	14	7	21	4	15	19	0	4	4
	%	28,0	68,8	50,9	32,6	70,0	39,6	29,0	47,0	41,3	0,0	22,0	18,2
Jogos tradicionais	N	1	2	3	7	1	8	1	2	3	1	3	4
	%	4,0	6,3	5,3	16,3	10,0	15,1	7,1	6,3	6,5	25,0	17,0	18,2
Jogos de faz-de-conta	N	6	4	10	8	0	8	2	1	3	0	4	4
	%	24,0	12,5	17,5	18,6	0,0	15,1	14,0	3,1	6,5	0,0	22,0	18,2
Conversar	N	2	0	2	7	0	7	1	1	2	0	1	1
	%	8,0	0,0	3,5	16,3	0,0	13,2	7,1	3,1	4,3	0,0	5,6	4,5
Dançar	N	0	0	0	0	0	0	5	1	6	2	3	5
	%	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	36,0	3,1	13,0	50,0	17,0	22,7
Jogos de cartas	N	0	0	0	0	0	0	1	9	10	1	3	4
	%	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7,1	28,0	21,7	25,0	17,0	18,2
Jogos de luta	N	0	1	1	0	2	2	0	1	1	0	0	0
	%	0,0	3,1	1,8	0,0	20,0	3,8	0,0	3,1	2,2	0,0	0,0	0,0
Correr	N	5	2	7	7	0	7	0	2	2	0	0	0
	%	20,0	6,3	12,3	16,3	0,0	13,2	0,0	6,3	4,3	0,0	0,0	0,0
Jogos de equilíbrio	N	4	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	%	16,0	3,1	8,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	N	25	32	57	43	10	53	14	32	46	4	18	22
	%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Analisando as atividades realizadas pelas crianças, relativamente ao género e à idade verificamos que os jogos de perseguição são os mais realizados pelas crianças dos 5 aos 8 anos, sendo que relativamente às diferenças entre idades, são as crianças com 5 e 6 anos que mais praticam esta atividade (50,9%). Contudo, quanto às diferenças entre género, são os rapazes com 7 anos que mais realizam este tipo de jogo (70,0%). Por sua vez, as crianças com 7 anos de idade apontam como segunda atividade mais realizada os jogos tradicionais e os jogos de faz-de-conta em igual percentagem (15,1%). Para as crianças de 8 anos, a segunda atividade mais realizada jogos de cartas (20,8%), seguindo-se as danças (12,5%). As crianças com 9 anos de idade mencionaram realizar mais frequentemente as danças (22,7%), tendo apontado os jogos de perseguição, os jogos tradicionais, os jogos de faz-de-conta e os jogos de cartas como as atividades mais realizadas depois da dança e todos com igual percentagem (18,2%) (Tabela 2).

Os rapazes mencionaram fazer as suas atividades no recreio mais frequentemente com “muitos amigos” (34,1%) e com “2 ou 3 amigos” (25,9%). As raparigas preferem fazer as suas atividades em grupos pequenos de “2 ou 3 amigos” (33,3%), mas também com “muitos amigos” (30,8%). Relativamente ao fazer atividades no recreio “sozinho” ou com “1 amigo”, são os rapazes que apresentam as percentagens mais elevadas, sendo de 15,3% e 5,9% respectivamente, enquanto apenas 3,8% das raparigas refere fazer as suas atividades só com “1 amigo” e 2,7% “sozinho” (Tabela 3).

Tabela 3 – Interações – diferenças entre géneros

Com quem fizeram as atividades no recreio durante uma semana	Raparigas		Rapazes	
	N	%	N	%
Sozinho	2	2,7	5	5,9
1 amigo	3	3,8	13	15,3
2 ou 3 amigos	26	33,3	22	25,9
4 a 6 amigos	20	25,6	11	12,9
7 a 9 amigos	3	3,8	5	5,9
Muitos amigos	24	30,8	29	34,1
Total	78	100,0	85	100,0

Podemos verificar, de acordo com a Tabela 4, que as raparigas de 5 e 6 anos interagem no recreio, mais frequentemente, em grupos pequenos, até “3 amigos” e os rapazes da mesma idade interagem com maior frequência com “Muitos amigos”. As crianças com 7 anos são as que mais interagem em grande grupo, pois foram as que mais mencionaram fazer as suas atividades no recreio com “muitos amigos”, tanto o género feminino como o masculino. Os alunos com 9 anos mencionaram sempre os nomes dos amigos com quem realizaram as suas atividades, nunca utilizaram o termo “muitos amigos”. Os rapazes desta idade mencionaram interagir com mais frequência com “1 amigo” e “2 ou 3 amigos” e as raparigas desta mesma idade mencionaram fazer as suas atividades com “4 a 6 amigos” e “2 ou 3 amigos”. As raparigas com 8 anos, assim como os rapazes da mesma idade, apresentam muita semelhança com as raparigas de 9 anos de idade, ao nível das interações nos recreios,

uma vez que também mencionaram interagir, mais frequentemente com “2 ou 3 amigos” e “4 a 6 amigos”.

Tabela 4. Interações – diferenças entre géneros e idades

Com quem fizeram as atividades no recreio durante uma semana		Idades							
		5-6		7		8		9	
		♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂
Sozinho	N	2	2	0	0	0	1	0	2
	%	9,09	6,452	0,0	0,0	0,0	3,7	0,0	11,8
1 amigo	N	1	4	0	0	2	5	0	4
	%	4,5	12,9	0,0	0,0	14,3	18,5	0,0	23,5
2 ou 3 amigos	N	16	6	1	3	7	7	2	6
	%	72,7	19,4	2,8	30,0	50,0	25,9	33,3	35,3
4 a 6 amigos	N	0	1	14	0	3	7	3	3
	%	0,0	3,2	38,9	0,0	21,4	25,9	50,0	17,6
7 a 9 amigos	N	0	0	0	0	2	3	1	2
	%	0,0	0,0	0,0	0,0	14,3	11,1	16,7	11,8
Muitos amigos	N	3	18	21	7	0	4	0	0
	%	13,6	58,1	58,3	70,0	0,0	14,8	0,0	0,0
Total	N	22	31	36	10	14	27	6	17
	%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Através da análise da Tabela 5, verificamos que as raparigas de 5 e 6 anos e as de 7 anos de idade interagem maioritariamente com as raparigas da sua idade, assim a percentagem correspondente às raparigas de 5 e 6 anos é de 83,3% e a das raparigas de 7 anos é de 96,0%. Quanto aos rapazes com 8 anos de idade, estes mencionaram interagir com mais frequência com rapazes mais novos (48,3%), enquanto as raparigas da sua idade referiram fazer as suas atividades, maioritariamente com raparigas mais velhas (28,0%). Os rapazes com 9 anos de idade interagem mais com os rapazes mais novos (40,0%) e as raparigas da mesma idade realizam as suas atividades no recreio, maioritariamente, com raparigas mais novas (43,0%). De salientar que na análise destes dados, verificamos que as raparigas com 8 e 9 anos relacionam-se muito frequentemente com raparigas de 6 e 7 anos, enquanto os rapazes da mesma idade no que se refere ao relacionamento com rapaz ou rapariga “mais novo (a)”, apenas mencionaram interagir com crianças de 8 anos.

Os rapazes com 5 e 6 anos e os de 7 anos apenas realizaram as suas atividades no recreio com crianças do mesmo sexo. A mesma situação se aplica às raparigas de 5 e 6 anos e as de 7 anos de idade, uma vez que estas também só mencionaram interagir nas suas atividades com outras raparigas.

Tabela 5 – Interações nos recreios – diferenças entre idade e género

Com quem interagem no recreio	Idade/ género															
	5/ 6 anos				7 anos				8 anos				9 anos			
	Rapaz		Rapariga		Rapaz		Rapariga		Rapaz		Rapariga		Rapaz		Rapariga	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Rapaz da mesma idade	14	63,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0	21	23,6	7	21,9	8	17,8	4	19,0
Rapariga da mesma idade	0	0,0	35	83,3	0	0,0	72	96,0	7	7,9	4	12,5	7	15,6	4	19,0
Rapaz mais velho	6	27,3	0	0,0	1	33,3	0	0,0	11	12,4	2	6,3	0	0,0	0	0,0
Rapariga mais velha	0	0,0	5	11,9	0	0,0	0	0,0	4	4,5	9	28,0	0	0,0	0	0,0
Rapaz mais novo	0	0,0	0	0,0	2	66,7	0	0,0	43	48,3	2	6,3	18	40,0	4	19,0
Rapariga mais nova	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	4,0	1	1,1	8	25,0	10	22,2	9	43,0
Sozinho	2	9,1	2	4,8	0	0,0	0	0,0	2	2,2	0	0,0	2	4,4	0	0,0
Total	22	100,0	42	100,0	3	100,0	75	100,0	89	100,0	32	100,0	45	100,0	21	100,0

Nota: Quando referiram fazer as suas atividades com “muitos” amigos, não conseguimos retirar informação relativamente ao género e portanto, para fazer a análise por género apenas consideramos as identificações de género dos que mencionaram ter de 1 a 9 amigos.

Discussão e Conclusão

Sendo as experiências vividas no recreio, um dos principais factores sobre o qual as crianças baseiam o seu sentimento em relação à escola (Blatchford, 1998), é importante perceber o que se passa nesse espaço, nomeadamente, ao nível das atividades e das interações entre as crianças.

Assim como verificado por Lewis e Philipsen (1998), que indicam que as raparigas interagem em pequeno grupo e os rapazes em grupos de várias dimensões, também, neste estudo, as raparigas mencionaram interagir mais em pequeno grupo, até “2 a 3 amigos” e os rapazes variaram entre os grandes grupos “muitos amigos” e os pequenos grupos “2 a 3 amigos”. Contudo, as raparigas deste estudo também referiram fazer as suas atividades no recreio, com bastante frequência, em grande grupo.

Neste estudo, contrariando em parte os estudos de vários autores que afirmam que durante o recreio escolar as raparigas participam mais em jogos passivos e os jogos praticados pelos rapazes são mais competitivos, (Pfister, 1993; Riley & Jones, 2007; Twarek & George, 1994), verificou-se que a atividade mais realizada tanto pelos rapazes como pelas raparigas é o “jogo de perseguição”, apesar de os rapazes a realizarem com mais frequência. Sendo esta uma atividade bastante ativa, estaremos a assistir a uma mudança ao nível das atividades praticadas nos recreios pelas raparigas? A segunda atividade mais referida pelas raparigas foi “jogo de faz-de-conta” enquanto para os rapazes foi o “jogo de cartas”, e a terceira atividade

mencionada pelos rapazes foi o “jogo de faz-de-conta” e pelas raparigas foi “correr”. Estes resultados são contraditórios com o estudo realizado por Pfister (1993), que refere que, enquanto as atividades dos rapazes tendem a ser mais desportivas, as das raparigas têm tendência para ser mais de lazer e mais sedentárias.

É referido por Lever (1978) que as raparigas conversam com os amigos mais frequentemente do que os rapazes e este estudo também aponta nesse sentido, uma vez que foram as raparigas que mais mencionaram conversar durante o recreio, identificando esta como uma atividade, o que significa que as conversas que têm nos recreios são bastante importantes para as crianças, tal como nos é sugerido por Prellwitz e Skar (2007).

Ainda no estudo de Pereira e Neto (1997) sobre as práticas preferidas e realizadas pelas crianças, verificou-se que a atividade mais realizada pelas crianças do 1º ciclo do ensino básico era o “jogo de faz-de-conta”, seguindo-se o “jogo de perseguição”. No presente estudo o mais mencionado pelas crianças foi o jogo de perseguição, sendo que o jogo de faz-de-conta também aparece entre as três primeiras preferências para ambos os sexos.

Quanto ao tipo de atividades praticadas nos recreios, foram ainda referidos os “jogos tradicionais” e a dança, tanto por rapazes como por raparigas e o “jogos de luta” apenas referido pelos rapazes. Verificamos também neste estudo que os “jogos de cartas” e o “dançar” são jogos exclusivos das crianças com 8 e 9 anos de idade. Relativamente às interações entre pares, é interessante verificar que as crianças dos 5 aos 7 anos de idade apenas realizaram as suas atividades no recreio com outras crianças do mesmo sexo.

Apesar das diferenças entre géneros já referidas, é através do jogo que tanto rapazes como raparigas testam e aperfeiçoam o seu desenvolvimento social, a linguagem e as suas capacidades físicas. Todos estes factores que são desenvolvidos durante o jogo poderão não só potenciar o sucesso escolar das crianças, mas também conduzi-las para uma vida com sucesso (Riley & Jones, 2007).

Referências Bibliográficas

- Blatchford, P. (1994). Research on children's school playground behaviour in the United Kingdom. In P. Blatchford & S. Sharp (Eds.), *Breaktime and the school: understanding and changing playground behaviour* (pp. 16-35). London: Routledge.
- Blatchford, P. (Ed.). (1998). *Social life in school: pupils experience of breaktime and recess from 7 to 16 years*. London: Falmer Press.
- Bulut, Z., & Yilmaz, S. (2008, Janeiro 18). Permaculture Playgrounds as a New Design Approach for Sustainable Society. *International Journal of Natural and Engineering Sciences*, 2, 35-40
- Casey, T. (Ed.). (2010). *Inclusive play: practical strategies for children from birth to eight* (2ª ed.). London: Sage.
- Colabianchi, N., Kinsella, A. E., Coulton, C. J., & Moore, S. M. (2009). Utilization and physical activity levels at renovated and unrenovated school playgrounds. *Preventive Medicine*, 48, 140-143.
- El-Kadi, A. E.-W. M. A., & Fanny, M. A. (2003). Architectural designs and thermal performances. *Applied Energy*, 76, 289-303.
- Gordon, D. M. (1981). Toward a Safer Playground. *DAY CARE AND EARLY EDUCATION*.
- Harten, N., Olds, T., & Dollman, J. (2008). The effects of gender, motor skills and play area on the free play activities of 8-11 year old school children. *Health & Place*, 14(8).

- Jambor, T. (1990). *Playground needs of children, and safety: an issue in conflict*. Paper presented at the 11th International Association for the Child's Right to Play (IPA) World Conference.
- Lever, J. (1978). Sex differences in the complexity of children's play and games. *American Sociological Review*, 43(4), 471-483.
- Lewis, T. E., & Phillipsen, L. C. (1998). Interactions on an elementary school playground: Variations by age, gender, race, group size, and playground area. *Child Study Journal*, 28(4), 309-320.
- Neto, C. (2008). Atividade física da criança e do jovem e independência de mobilidade no meio urbano. In B. Pereira & G. Carvalho (Eds.), *Atividade física saúde e lazer: modelos de análise e intervenção* (pp. 15-34). Porto: LIDEL.
- Pellegrini, A. D. (Ed.). (1995). *School recess and playground behavior: educational and developmental roles*. . Albany: State University of New York.
- Pereira, B., & Neto, C. (1997). A infância e as práticas lúdicas. In M. Pinto & M. Sarmiento (Eds.), *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Pereira, B. O. (2009). Juegos y juguetes en los recreos de las escuelas de Portugal *La Pedagogia del Ocio: nuevos desafios* 33-42.
- Pereira, M. B. (2008). *Para uma escola sem violência* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT).
- Pfister, G. (1993). Appropriation of the Environment, Motor Experiences and Sporting Activities of Girls and Women. *International Review for the Sociology of Sport* 28(2-3), 14.
- Prellwitz, M., & Skär, L. (2007). Usability of playgrounds for children with different abilities. *Occup. Ther. Int.*, 14(3), 144-155.
- Riley, J. G., & Jones, R. B. (2007). When girls and boys play: what research tells us. *Childhood Education*, 84 (1).
- Stellino, M., Sinclair, C., Partridge, J., & King, K. (2010). Differences in Children's Recess Physical Activity: Recess Activity of the Week Intervention. *Journal of School Health*, 80(9), 9
- Twarek, L., & George, H. (1994). Gender differences during recess in elementary schools. (ERIC document). *Educational Resources Information Center, Rockville, MD.*, 1-21.
- Veitch, J., Bagley, S., Ball, K., & Salmon, J. (2006). Where do children usually play? A qualitative study of parents' perceptions of influences on children's active free-play. *Health & Place*, 12, 11.
- Willenberg, L. J., Ashbolt, R., Holland, D., Gibbs, L., MacDougall, C., Garrard, J., et al. (2009, Fevereiro 5). Increasing school playground physical activity: A mixed methods study combining environmental measures and children's perspectives. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 1-8.
- Zask, A., Beurden, E. v., Barnett, L., Brooks, L. O., & Dietrich, U. C. (2001). Active School Playgrounds-Myth or Reality? Results of the "Move It Groove It" Project. *Preventive Medicine*, 33, 402-408.